

## GEN NEWTON CASTELLO BRANCO TAVARES

Foi êle soldado de rija têmpera, virtuoso, ativo, altamente capaz, que deixou um lastro imenso de serviços ao Exército e um edificante exemplo àqueles que trilham ou houverem de trilhar a carreira das armas.

(Da Citação Especial do Ch EME, consignada no Bol Int nº 64, do EME, de 7 Jun 65, dia seguinte ao falecimento do Gen NEWTON).

Foi por estarem convencidos de que a vida do Gen Newton — tanto militar quanto civil — não poderia ser sepultada junto com seu corpo que um grupo de seus companheiros de armas — colegas de turma, amigos íntimos, antigos instruendos, companheiros de serviço em unidades ou escolas — julgou que “um lastro imenso de serviços ao Exército e um edificante exemplo àqueles que trilham ou houverem de trilhar a carreira das armas” não devia ficar no olvido, mas sim ser narrada a todos.

É o que fazemos agora, num preito sincero ao amigo que não se foi, porque conosco convive diariamente, mormente quando entramos no quartel para desempenharmos nossas funções. Continuas conosco, velho companheiro! A rememoração da tua conduta e do teu modo de proceder há de nos dar alento para procurarmos imitar-te, pois igualar-te difícil será, senão impossível.

Foi o Gen Newton bem a expressão do brasileiro comum. Oriundo de pai civil — José Ferreira Tavares, brasileiro — pelo lado materno herdou o nome de tradicional família — os Castello Branco, filho que era de D. Maria Alice Castello Branco Tavares, também brasileira.

Natural do antigo Distrito Federal, hoje Estado da Guanabara, já no Colégio Militar se destacara entre os de seu tempo e turma pelo companheirismo são, pela camaradagem desinteressada, pela correção de atitudes. A 28 de março de 1929 ingressa voluntariamente na carreira das armas, como praça, na Escola Militar do Realengo e quase três meses depois presta o Compromisso à Bandeira. Esse ato solene, esse juramento máximo impregnou todo o ser, todo o corpo, todo o espírito do jovem Cadete. Teve dêle a plena consciência de sua significação, a transcendência de sua vital importância e a perenidade de que se revestia. E pautou sua vida militar nêle. Tratou com afeição os irmãos de armas. E deu bondade aos subordinados. Cumpriu as ordens dos superiores e fez cumprir as suas. E teve a ventura de integrar a Fôrça Expedicionária, onde poderia ter feito o sacrifício máximo pela Pátria que, felizmente, o destino não o exigiu. Mas o arranhou um desastre de jipe.

Na Escola Militar, aumentou o destaque que já trazia do Colégio. Despontou na turma por sua compreensão para com os colegas, por sua dedicação ao estudo e ao serviço, por sua irrepreensível conduta militar. Seus graus são altos, confirmando sua inteligência acima do normal. Nos anos de 1930 e 1931 está na Artilharia, Arma de sua escolha, e a 25 de janeiro de 1932 é declarado Aspirante-a-oficial. Na Escola Militar, não poucas vezes, deixando suas horas de lazer ou destinadas ao estudo, era visto o Cadete Newton procurando resolver as dificuldades dos outros, fossem de estudo ou disciplinares. Qual de seus contemporâneos não se recorda da "Irmã Paula" como carinhosamente era chamado?

Um dos companheiros batizou-o de "patrono" da turma. Outro preferiu fôsse conhecido como "padroeiro". Patrono tem um sentido ético; padroeiro é de substância espiritual.

Classificado no Grupo Escola — a unidade padrão da Artilharia — nêle começa a revelar com exuberância tôda a sua personalidade, todo o seu pendor militar, tôda a sua fibra, tôda a sua dedicação ao serviço, todo o seu empenho para bem fazer, bem cumprir, bem executar, bem obedecer, bem comandar. De corpo e alma devotou-se ao serviço. Seus predicados pessoais conjugados à sua natural tendência castrense e à profundidade do cabedal que trouxera da Escola Militar fá-lo-iam despontar no Grupo entre seus pares.

Transcendia tanto, notava-se de tal modo essa sua destacada conduta que dois meses após apresentar-se na unidade, seu Comandante, que não o conhecia anteriormente, assim se expressava ao dar-lhe o primeiro elogio como oficial: "Ao Senhor Aspirante-a-oficial Newton Castello Branco Tavares, pelas provas de correção, iniciativa, amor ao trabalho e capacidade com que inaugurou sua carreira, honrando seus instrutores e o instituto que o preparou, prometendo belos, grandes e úteis serviços à Pátria. É com grande satisfação que abro a primeira página do histórico da vida profissional dêsse jovem camarada, em nome do Senhor Ministro da Guerra, fazendo-lhe justiça e desejando que continue a aprimorar suas virtudes militares, a aperfeiçoar seus conhecimentos profissionais e, sendo a ação demolidora dos vencidos e céticos, trabalhe sempre e marche sobranceiro para o futuro, confiante na grandeza do Exército e do Brasil". (Ten-Cel Pantaleão da Silva Pessoa).

Não seria possível ser mais exato nem mais justo; mais preciso nem mais correto. Em dois meses de atividade o Newton se mostrara todo como era — e continuou a ser até morrer — a seu Comandante que ao elogiá-lo, a par da justiça com que o fêz, vaticinara tôda sua vida profissional. E outra coisa o Newton não fêz que trabalhar sempre e marchar sobranceiro para o futuro, "confiante na grandeza do Exército e do Brasil". Nós e todo o Exército aqui estaríamos para o confirmar, se fôsse preciso; felizmente não o é.

Já então nitidamente percebia-se o quanto era querido por seus subordinados, que viam sempre nêle um chefe amigo, um quase irmão.

Newton sabia que o subordinado quer compreensão e justiça e justiça e compreensão são fáceis quando se tem a inteireza moral de um Newton.

Ainda no Grupo Escola ascende a 2º e 1º Tenente. Em 1934, ao ser designado auxiliar de instrutor da Escola de Artilharia, começou talvez a mais longa carreira de instrutor de todo o Exército brasileiro, culminando-a na Escola Superior de Guerra.

Em 1937 vai ser auxiliar de instrutor de Artilharia da Escola Militar. Centenas de oficiais de tôdas as armas recordam-se do Ten Newton ou do Cap Newton. Dezenas e dezenas de artilheiros muito devem do que sabem da Arma ao "Bacalhau" ou, mais afetuosamente, ao "Baculha". Na Escola Militar continua o que já era. Sua atividade é operosa e fecunda. Enfrentar e resolver dificuldades era a constante de sua vida. Avêso à estagnação, estava sempre realizando tarefas complementares e espontâneas, após cumprir tôdas as suas atribuições normais. Constantemente dizia: "Sempre se pode melhorar o que foi feito ontem". Aconselhado por amigos a poupar-se respondia: "Rusticidade adquire-se!".

Newton sabia DAR. Sim, DAR, coisa que muita gente não o faz; uns por não saber e outros por egoísmo. Newton dava porque não era egoísta e porque sabia dar. Assim como deu sua camiseta certa vez para limpar as peças de sua Seção, dava tempo, dava atenção, dava justiça, dava conhecimentos, dava dever, dava companheirismo, dava amizade, dava exemplo moral. Dava horas de seu lazer e descanso para auxiliar aquêles que se encontravam em dificuldades. Muitos não sabem que, à noite, ia buscar oficiais na Vila Militar para darem aulas a cadetes que não tinham média em certas matérias. E não o fazia para artilheiros, somente. Fazia-o sem qualquer espírito de arma, sem egoísmo e, o que é notável, sem que alardeasse o fato e impondo silêncio aos amigos que o atendiam nesse mister extraordinário.

Impecável na conduta, impecável o era no fardar-se.

Todos os seus chefes, sem exceção, a êle se referiram em termos os mais dignificantes e — extraordinário — numa constância surpreendente a seus predicados. Pincemos frases sôltas: "Oficial subalterno dotado de qualidades excepcionais". "Espírito de cooperação invulgar. Empreendedor. Assiduidade e pontualidade rígidos". "Conhecedor minucioso e profundo de todos os detalhes de sua Arma". "Constitui pela sua inteligência, correção, dedicação, capacidade de trabalho, pontualidade, assiduidade, espírito de coordenação, de realização e seu bom humor o Instrutor ideal para esta Escola". (a Escola Militar). "Tem feição tôda especial para ser educador emérito".

Tudo que fazia era espontâneo e humano, com sinceridade, sem esperar crédito, agradecimentos ou recompensas. Assumia integralmente a responsabilidade de seus atos e de sua iniciativa. Certa vez, ainda na Escola Militar, um Cadete acidentou-se, suspeitando-se de fratura da base do crânio. Sabedor de que nesses casos a remoção do ferido apresenta sérios riscos à sua vida, o então Cap Newton, não permitiu a remoção do Cadete. Seu desvêlo foi muito além do simples dever de Cmt

Bia. Noites seguidas passou à cabeceira do acidentado, dando-lhe auxílio e calor humano. Exames posteriores confirmaram o acêrto daquela decisão, ditada certamente pelo seu profundo senso de responsabilidade e de amor ao próximo.

Da Escola Militar, onde ascendera a Capitão em 1938, vai para a Escola das Armas (hoje EsAO). Nesta foi o primeiro de uma turma de 34 com 8,8 de grau. Retorna à Escola Militar e dela sai para matricular-se na então Escola de Estado-Maior. Cursa esta de Dez 1942 a Nov 1944. Obtém a menção Bem. Terminado o curso vai servir na Fôrça Expedicionária Brasileira como adjunto da 3.<sup>a</sup> Seção de seu Estado-Maior. Novos reconhecimentos a seus méritos. Escolhamos um: "... o Major (fôra promovido a 25 Jun 1945) Newton termina a campanha de posse de um apreciável tirocínio de oficial de EM, o que vem juntar-se as suas conhecidas qualidades de oficial de tropa. O Exército encontrará nêle um instrutor moderno e autorizado para qualquer uma de suas escolas além de sua aptidão para o Comando e para o Serviço de EM". Quem assim a êle se referia era o então Chefe da 3.<sup>a</sup> Sec EM/FEB, hoje Presidente da República, Marechal Humberto de Alencar Castello Branco.

Ao regressar da Itália foi para a Escola de Estado-Maior, como instrutor. Após 10 meses sai para o Gabinete do Ministro da Guerra de onde retorna à Escola, após ter ido cursar a Escola similar do Exército, norte-americano onde obtém o grau SUPERIOR, "O mais alto concedido em Leavenworth". É agraciado com a "Bronze Medal", dos EUA e a "Cruz de Guerra com Palma", da França.

Na EEM desponta seu extraordinário pendor de instrutor, seu nome está ligado indelêvelmente ao período de renovação das bases estruturais e doutrinárias do Exército e da renovação da Escola.

Sentia o fracasso de um oficial-aluno como se fôra o seu próprio. Ficava inquieto por isso. E exultava quando seus instruendos sobressaíam-se. Dedicava-se, empolgava-se, vibrava em tôdas as situações, sentindo-as em uma pungente realidade, emocionando-se com os problemas alheios, incorporando como suas as alegrias e tristezas dos outros. Por pilhéria um turma da EEM ofertou-lhe um diploma que dizia uma grande verdade sôbre o Newton: "Só o Amor constrói para a Eternidade". Queriam enaltecer, em sua personalidade estimada, aquêle ardor incontido que punha em tôdas as suas tarefas. Eram cêrca de cem oficiais-alunos. Saberiam que a pilhéria era contra êles? Pois para o Newton aquêle poderia ser fâcilmente o moto de sua vida.

Nada fazia pelo meio e não se amoldava ou conformava com a rotina que estaciona, que retarda, que deforma, que vicia, que anda para trás. Ainda na EEM ao receber a incumbência de dirigir um curso para os novos instrutores fêz tudo de nôvo. Organizou um programa, planejou, preparou, convidou companheiros para auxiliá-lo. Surgiu um eficiente e proveitoso curso que se tornou uma das tradições da Escola. Publicou-se pela primeira vez o Manual do Instrutor, oficializado, após, como documento básico dos trabalhos escolares, o qual, da Escola, expandiu-se

para as demais congêneres do Exército. Tudo pela vontade, pela inteligência, pela pertinácia, pelo ardor, pela dedicação, pelo exato cumprimento do dever de um major — o Maj Newton Castello Branco Tavares.

Até 1951 transmitiu seus conhecimentos militares a várias turmas. Muitos a êle muito devem. Em setembro desse ano, devido à promoção a tenente-coronel, assume seu primeiro comando de unidade isolada — o Grupo Art Cav de Santana. Mudou o ambiente mas não mudou o Newton; ou melhor, em pouco transformou o Grupo à sua feição. Porque só compreendia eficiência, honestidade, dedicação, pois “era um soldado de raça”. O serviço, as obrigações do cargo constituíam como que uma constante de sua vida.

A Escola de Estado-Maior não esqueceu seu instrutor de escol. Galardoou-o com a Menção Especial que seu regulamento consigna.

De Santana foi para o Estado-Maior do Exército onde ficou por dias, indo cursar o Curso de Estado-Maior e Comando das Forças Armadas. De aluno passa a instrutor, após o término do curso (concomitantemente faz o Curso Superior de Guerra). Sempre com o mesmo destaque, com o mesmo brilho, com a mesma dedicação, por cinco anos (1953-1958). Em 1956 ascendeu ao coronelato.

Vai chefiar a Comissão Militar Brasileira em Washington e pouco depois acumula a função com a de adjunto do adido militar.

As citações e os louvores agora não mais são vaticínios, porém, o reconhecimento tácito de uma honesta e profícua carreira de quase 30 anos.

Regressa para o Estado-Maior do Exército onde dirige o Curso de Informações e Contra-informações.

Em maio de 1961 está no Gabinete do Ministro da Guerra, novamente. Daí sai para a chefia do Gabinete da Sec Delegação Brasileira da CMMBEU.

Em 1962, quando já surgiam ainda quase imperceptíveis os primeiros sinais da doença que o levou, ainda apresentava o certificado de conclusão do curso por correspondência de Leavenworth!

Vai ser Chefe de Gabinete do DPG, em março de 1963. Começam a surgir as primeiras manifestações de sua enfermidade. Não se entrega. Procura médicos. O mal é insidioso e age subrepticamente. Mas um Jequitibá não vai assim com qualquer ventania.

Em 25 Mar 1964 chega ao ápice da carreira — atinge o generalato aos 54 anos. Indiferente à doença, certo de que a venceria, pois fôra tôda a vida um Jequitibá impávido, erecto, sobranceiro, puro, de nobre estirpe, a estirpe dos honestos, dos dedicados, dos cumpridores do dever, dos que sabem dar desinteressadamente amor e compreensão a amigos e companheiros. Não deu a inimigos, pois não os teve.

Agravava-se a doença. Vai aos Estados Unidos e volta cheio de vida. Não se enganava a si mesmo. Estava convicto de que a venceria. Não vencera sempre todos os obstáculos? Não se importava com o mal que ela lhe fazia mas sim com as dificuldades que lhe trazia ao pleno desempenho de suas tarefas. Trabalhar, queria trabalhar! Não compreendia aquêlê empecilho que transtornava seu trabalho. Sua força de vontade sobrepunha-se ao mal. Já na Chefia do Gabinete do EM e avançada a doença ainda submetia suas atividades, atitudes e condutas a normas severas. Só falava do futuro. Aos mais íntimos dava esperanças na exuberância com que acreditava na sua recuperação: "Descobriram o que tenho... já iniciei nôvo tratamento... fiz uma operação... já não sinto mais dores... já posso trabalhar!" Quando muitos com saúde fogem covardemente o Newton corroído pelo câncer e os meses contados, senão os dias, só pensava em trabalhar! Porque o trabalho era a razão de sua vida e queria intensamente saúde para poder trabalhar. Quantos seriam capazes dêsse estoicismo?

A mão constantemente na frente indicava as fortes dôres que sentia. Mas não faltava ao trabalho! Um de seus auxiliares no Estado-Maior encontrou em seus bolsos um cartão que de vez em quando o Newton lia e que trazia escrito: "Agora que perdi uma vista, preciso trabalhar em dôbro para atender minhas obrigações". Edificante. Enquanto tantos são fogem do trabalho o Newton queria trabalhar dobrado. Pode existir algo de mais estimulante, como exemplo, para as novas gerações que precisam de fatos para guiarem-se, na instabilidade da vida moderna?

Com tôda a doença continuou a DAR. Só parou de trabalhar para morrer. A um companheiro que se desculpava de um grande espaço entre duas visitas devido ao seu trabalho respondeu, já no leito do hospital: "Estaria aborrecido se você tivesse abandonado seus afazeres para vir visitar-me. É grande a tarefa que o EMFA desempenha e você tem obrigação de ajudar a levá-la a bom têrmo. É a responsabilidade de um organizador do Grupo Escola!" Era o mesmo Newton de 35 anos de vida militar. Era um general moribundo expressando-se com palavras de um tenente recém-formado. Era o mesmo Newton que antes de tudo DAVA ao Exército e à Pátria.

Quando se cansava, levantava o polegar naquele gesto tão difundido na 2.<sup>a</sup> Grande Guerra. Aquêlê polegar para cima era mais que um sinal, pois a expressão do seu rosto indicava aquela firmeza e força de vontade que constituíam a característica de sua personalidade.

O grande Jequitibá estava prostrado. Furacão sorrateiro e repentino deitava no chão a copa que resplendera 35 anos exuberante e pura. Mas ainda restava alento ao Jequitibá para dar algo. Sua sombra agora era pouca, quase nenhuma. Poucas raízes traziam a seiva da terra que chegava a seu âmago. Esse âmago tinha um lema que não desapareceria. E no próprio estertor ainda se lembrava de DAR. Três dias antes de morrer, no leito do hospital falou a um amigo: "Desejava que você dissesse ao

Ernesto que gostaria de falar com o Gen Castello. *Não é nenhum caso pessoal.* Tenho sido tratado maravilhosamente pela equipe dêste Hospital que, no momento, se acha desprovido de recursos. O Presidente precisa saber disso e fazer com que, doentes como eu, que vivem de esperanças, sintam, juntamente com o calor humano dos que cuidam dêles, a assistência do Governo". Grifamos nós o trecho. A morte, Newton não pedia para êle! A sua agonia sobrepunha um sentimento de solidariedade humana que caracteriza o homem puro. Pois puro era o Newton. Não era para si que queria benefícios, era para aquêles que, como êle, sofriam a dor de um tratamento sem esperanças! Que despreendimento! Que nobreza! Às vésperas da morte venciu conscientemente o espírito de conservação inato em todo ser humano e pedia para os outros. Dava amor. Dava-se aos próximos. A "pilhéria" sobrexistia no seu âmago: "Só o Amor constrói para a Eternidade".

Morreu. Mesmo morto conservou o dedo polegar em riste. Fenera um corpo mas não um espírito. Seu rosto irradiava a expressão que sempre teve: firmeza e honestidade. Morto, não se despedia, mas sim estimulava e incentivava.

Adeus NEWTON!

Fôste "Soldado de rija têmpera, virtuoso, ativo, altamente capaz que deixou um lastro imenso de serviços ao Exército e um edificante exemplo àqueles que trilham ou houverem de trilhar a carreira das armas".

Mais perdeu o Exército do que nós com tua partida. Queremos seguir teu exemplo. Queremos DAR. Antes de tudo DAR às novas gerações, àqueles que não tiveram a ventura de contigo privar o conhecimento suscinto de tua vida militar. Pois tua vida militar foi um exemplo de estoicismo, de amor e de capacidade de trabalho. Tua vida se revestiu de eficiência, modéstia, tenacidade e permanente preocupação de ser útil. Fôste bom e humano. Em ti pensavas por último, porém, sempre pensaste bem e sobrou tempo para construir uma carreira digna que findou com a consideração dos superiores, o carinho dos amigos, a compreensão dos companheiros e a admiração dos subordinados.

Não somos egoístas como tu não o fôste. Quisemos, portanto, render-te êste preito póstumo de carinho fraternal. Continuas vivo em nossos corações e continuarás vivo para todo o sempre, pois fizeste o que teus instruendos disseram: "Com Amor construiste para a Eternidade".

